

## Do Fora-da-Lei ao Herói Popular: A Trajetória de Robin Hood e as Tensões Sociais no Medievo Tardio

From Outlaw to Folk Hero: The Trajectory of Robin Hood and Social Tensions in the Late Middle Ages

Vitor Nunes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o mito de Robin Hood como expressão da resistência cultural na Inglaterra medieval, explorando a transformação de narrativas marginais em símbolos nacionais. Partindo do conflito entre discursos dominantes e culturas subalternas, examina como os "bandidos heróis" foram inicialmente rejeitados pelas elites e depois assimilados pelo imaginário coletivo. O estudo abrange desde as primeiras referências no século XIII até sua apropriação intelectual no século XVI, relacionando essa trajetória a mudanças políticas, religiosas e sociais. Demonstra-se que a lenda de Robin Hood reflete tanto mecanismos de controle aristocrático quanto estratégias camponesas de ressignificação cultural, revelando tensões agrárias e a formação de identidades no medievo tardio.

**Palavras-Chave:** Banditismo social, Robin Hood, Aristocracia cristã

**Abstract:** This article examines the Robin Hood myth as an expression of cultural resistance in medieval England, tracing how marginal narratives evolved into national symbols. Analyzing tensions between dominant discourses and subaltern cultures, it explores how "social bandits" were initially rejected by elites before being absorbed into collective folklore. The study spans from the character's earliest 13th-century mentions to 16th-century intellectual appropriations, connecting this trajectory to political, religious, and agrarian shifts. The legend reveals both aristocratic mechanisms of control and peasant strategies of cultural reappropriation, highlighting rural class struggles and identity formation in the late Middle Ages. Through this case study, the article demonstrates how outlaw myths mediated power relations, serving as tools of domination while enabling subversive reinterpretations of justice and tradition within oppressed communities.

**Keywords:** Social banditry, Robin Hood, Medieval Aristocracy.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe; Bolsista PDPG/CAPES; Integrante do Domíniun: Estudos sobre Sociedades Senhoriais (CNPq-UFS); Orcid: [orcid.org/0000-0002-8762-2472](https://orcid.org/0000-0002-8762-2472). Lattes: [lattes.cnpq.br/8238234427135527](https://lattes.cnpq.br/8238234427135527). E-mail: [vitorndsilva@outlook.com](mailto:vitorndsilva@outlook.com).

## INTRODUÇÃO

À medida que as Sociedades se desenvolvem, é possível observar mecanismos que articulam imaginários, produzem discursos, fortalecem tradições e formam identidades. De forma semelhante, os indivíduos, embora autônomos, se constituem em relação aos outros, como membros de um grupo ou coletivo. Em grupos distintos, antagonizam seus interesses a partir da exploração e da opressão. Grupos dominantes impõem uma determinada subjetividade sobre outros grupos, subalternos, a fim de impor e reconstruir singularidades.

A cultura produzida, no entanto, não está sujeita apenas aos interesses reais da classe dominante, mas se desenvolve em tensão com os interesses das classes subalternas. A partir da colagem entre os discursos dominantes e seus interesses próprios, as classes subalternas produzem uma bricolagem cultural, que ao mesmo tempo em que disciplina os discursos também conforma as representações dos indivíduos. Entrelaçada em rede, a produção cultural subalterna se relaciona com os grupos marginalizados e o caráter universal desta marginalidade.

Estes Marginais da Cultura não só consomem os produtos culturais, mas também os produzem. Sua composição cultural variou no decorrer da história, desde símbolos excluídos até tradições imortalizadas na raiz histórica formadora da nacionalidade. Os bandidos heróis se inserem neste processo, sendo inicialmente repelidos pela classe dominante e posteriormente absorvidas como símbolos da tradição.

Dessa forma, ao examinar o processo formativo do personagem Robin Hood, se propõe neste trabalho reflexões sobre as complexidades das sociedades rurais, em especial a sociedade inglesa no medievo tardio. A análise histórica deste herói marginal, inserido em uma sociedade marcada pela estratificação social, permite compreender tanto o processo formativo da aristocracia cristã quanto a divisão social da Idade Média. A queda do império carolíngio e a ascensão do clero como estrutura central na sociedade são elementos que permeiam a análise da trajetória do personagem, transformando a vida comum dos trabalhadores rurais e disseminando a arte popular através de migrações que evidenciam relevantes nuances socioculturais.

Portanto, a análise de personagens foras da lei permite observar como valores tradicionais foram mantidos e reforçados no espaço agrário. O contexto da produção cultural destas sociedades, seus formadores e o público-alvo das poesias, possibilita entender as narrativas sobre bandidos heroicos e sua conexão com a nacionalidade. Neste artigo, Robin Hood será analisado desde suas primeiras menções no século XIII até sua apropriação pela intelectualidade inglesa a partir do século XVI. Além disso, serão investigadas como as mudanças políticas nos séculos XIII e XIV influenciaram as narrativas em torno de Robin Hood, destacando a formação de novas classes sociais no seio da aristocracia cristã. Ao analisar tanto as práticas religiosas quanto a expansão demográfica, será possível compreender de maneira mais ampla o impacto do personagem e de sua lenda na construção e manutenção de tradições na sociedade medieval. Desse modo, será

possível entender como religiosidade, disputas políticas e relações de trabalhos afetaram o fenômeno do banditismo social e sua posterior representação na cultura popular.

## HISTORICIZAR A GESTAMP: PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO PERSONAGEM

Para entender Robin Hood é necessário perceber o processo histórico que produziu este herói ambivalente, que comete crimes e mesmo assim é visto como herói por parte da população medieval. A sociedade que produziu este personagem foi, em essência, uma sociedade agrária, marcada pelo domínio territorial de regiões esparsas, comandada por senhores que mantinham seu poder, em grande parte, pela violência e pela tradição. Este processo se iniciou no fim do Império Romano, com a consolidação de lideranças militares que converteram seu poder de mando em força política, mantendo a dominação a partir de tensionamentos e negociações com os reinos germânicos e a população rural.

Nesse processo, a Igreja Cristã Ocidental exerceu um importante papel, garantindo sua autossobrevivência a partir do reconhecimento dos domínios senhoriais e da construção de um código moral específico, produzindo unidade à experiência política e social europeia durante os mil anos que reconhecemos como Idade Média.

A partir do século IX, é possível observar o fortalecimento de uma nova aristocracia religiosa, com a diversificação do Clero em diferentes regiões da Europa, como aponta André Vauchez (1995). Este processo esteve relacionado com a dissolução do Império Carolíngio em 888 d.C. e levou à emergência de novas lideranças senhoriais no interior da Europa Ocidental – em sua maioria bispos recrutados entre a aristocracia local. Este processo de secularização da Igreja levou ao comércio, dilapidação e roubo de patrimônios eclesiásticos.

Nas áreas rurais, no entanto, grande parte dos sacerdotes provinha da classe servil, libertos que serviam como ministros de culto em igrejas construídas por seus senhores. Nas cidades, como observado em Milão por volta do século XI, os sacerdotes estavam envolvidos em uma variedade de atividades seculares, como o comércio de moedas, jogos e caça. Dessa forma, embora o programa de vida imposto ao clero urbano pelos reformadores carolíngios não tenha sido totalmente eliminado, em muitos locais, a disciplina comunitária foi significativamente relaxada.

Em oposição a esse processo, o monaquismo se desenvolveu como fenômeno de resistência a uma possível crise moral da sociedade medieval, com um movimento de reforma monástica se estendendo por várias regiões da Europa, como Borgonha, Lorena, Inglaterra e Europa Meridional. A nova sociedade que se formava adotou uma ideologia baseada em três ordens fundamentais: os *oratores*, *bellatores*, e os *laboratores*, cada uma desempenhando uma função específica e interdependente<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Acerca da divisão tripartite da sociedade feudal cabe citar o trabalho de Georges Duby que abordou em seus escritos como a formulação do ideário estabelecido na sociedade tripartida medieval alicerçou-se nas noções de segurança, harmonia e racionalidade. Essa estrutura contribuiu para a formação de uma disciplina baseada na desigualdade social e na sacralização da opressão, visando garantir o respeito dos inferiores pelos superiores e a gratificação amorosa dos superiores pelos inferiores. Ver: DUBY, G. **Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Estampa, 2002.

Baseada na solidariedade e na divisão funcional, a estratificação medieval conferia ao clero uma posição de destaque. Esta Taxonomia Social refletiu a mentalidade de uma época em que o religioso se destacava como uma categoria separada e distinta da vida profana. Estabeleceu-se uma hierarquia, baseada em funções exercidas na vida coletiva. Com este modelo social se influenciava a vivência religiosa, reproduzindo no campo religioso a submissão entre o vassalo e sua homenagem ao senhor, pois, como aponta Vauchez:

O esquema tripartite não valorizava apenas a função de oração; distinguia também, no seio dos leigos, duas categorias diferentes: os guerreiros e os trabalhadores, ou, para falar em função das realidades sociais do tempo, os senhores e os camponeses. O fato de que os primeiros fossem nomeados na hierarquia das funções antes dos segundos não é absolutamente fortuito. Essa classificação confirma que se na sociedade cristã da época feudal os clérigos vinham antes dos leigos, entre estes últimos os senhores precediam os seus homens. Precedência que não era de modo algum teórica, pois os poderosos deste mundo gozavam de uma posição privilegiada na Igreja, tanto durante a vida, para acompanhar a missa, quanto depois da morte, para o seu sepultamento (VAUCHEZ, 1995, p. 34).

A severa estratificação dos indivíduos em classes específicas, a partir da atividade exercida e da herança familiar, dividiu os trabalhadores em grupos rurais e urbanos dependentes das obrigações senhoriais. Neste contexto, aqueles não inseridos na sociedade tripartite eram colocados em um espaço de exclusão, também determinado por suas atividades (era o caso das prostitutas, dos mercadores viajantes, mendicantes e mercenários) ou por seu histórico pessoal (judeus, romanis, excomungados).

Presentes na fronteira da sociedade cristã estes marginalizados surgem nas entrelinhas dos documentos oficiais, as vezes como bandidos outras vezes como vítimas de males individuais. Como aponta Bronislaw Geremek (1989, p. 233), o marginal esteve presente na vida das sociedades medievais, “como produto da negação, individual ou de grupo, da ordem dominante, das normas de convivência aceitas, das regras e leis vigentes”. Além disso, essa população marginalizada se apresentou de forma diversa nas documentações judiciais e policiais.

Segundo Isidoro de Sevilha o *exsilium*, derivado de “*Extra Solem*”<sup>3</sup> “significa viver fora do seu solo, da sua terra, para lá das fronteiras de sua pátria” (ISIDORO DE SEVILHA apud GEREMEK, 1989, p. 233). Esse conceito extrapola a noção simples do marginal como um indivíduo relacionado à criminalidade ou à violência e os associa à perspectiva geográfica. Estes marginais são apresentados como pessoas que vivem fora de um ambiente delimitado, longe do espaço de

<sup>3</sup> Traduz-se literalmente como “Fora do Sol” ou “Além do Sol”, carregando significados diversos conforme o contexto. No âmbito astronômico, pode referir-se a corpos celestes ou fenômenos situados além da órbita solar, como os planetas extrassolares (exoplanetas). Em textos antigos, a expressão poderia sugerir simbolicamente o que está além do “mundo conhecido”, já que o Sol frequentemente representava o centro do universo em concepções pré-modernas. Num sentido filosófico ou alegórico, “*Extra Solem*” pode assumir conotações mais profundas. A palavra “extra” (fora) combinada com “*solem*” (Sol) pode metaforizar aquilo que está além da luz da razão ou da compreensão humana, contrastando com a ideia de iluminação intelectual ou espiritual. Historicamente, a expressão aparece em obras clássicas como *De Re Publica*, de Cícero, onde se discute a estrutura do cosmos e a posição da Terra e do Sol em relação às esferas celestes. Nesse texto, a ideia de algo existir “*extra solem*” poderia aludir a realidades além do mundo sublunar, explorando noções de ordem cósmica e imortalidade da alma.

parentes e senhores. Unidos pelos laços de parentesco, o deslocamento de grupos durante a Idade Média se deu de forma distinta nas diversas regiões da Europa, mas foi constante durante todo o período, com um afluxo de multidões do campo para a cidade e de cidades pequenas para cidades maiores.

Essa movimentação de pessoas pelo continente produziu marginalização social, à medida que a Igreja estimulava a aversão aos estrangeiros e a manutenção dos domínios dos senhores. Em sentido contrário, essa mesma instituição estimulou a peregrinação dos fiéis como forma de sacralização da alma e como modo de negar a pátria terrestre, os aproximando da vida asceta e do mundo celestial. O movimento migratório também possibilitava a disseminação de uma série de tradições que compuseram o mosaico cultural de histórias e costumes europeus.

Na Inglaterra, histórias celtas e bretãs se aglutinaram durante a Baixa Idade Média em um caldeirão cultural que desenvolveu culturas literárias distintas. Segundo A.J Pollard (2004), é possível distinguir duas tradições sobre heróis populares produzidas durante este período. "*Matter of Britain*", gênero da literatura popular inglesa associado aos contos arturianos e ao trabalho de Godofredo de Monmouth (*Historia Regum Britanniae*, c. 1136) como: *Tristão e Isolda*, *Os contos de Canterbury* e as histórias sobre os cavaleiros da Távola Redonda; e a "*Matter of greenwood*", em que o núcleo de histórias é o homem fora da lei, que habita a floresta após sua fuga da sociedade feudal. Distante da sociedade, ele vive em busca de vingança contra uma injustiça sofrida, pela retomada de suas terras ou de um possível perdão real.

É neste segundo ciclo que Robin Hood se insere, servindo como um arquétipo, em que diversas histórias sobre foras da lei se condensaram. A primeira referência conhecida sobre ele surge em uma versão do poema *Piers Plowman*, de William Langland (1377), em que o personagem Sloth diz:

Eu não conheço bem o Pai Nosso, como o padre o canta. Mas eu conheço rimas de Robin Hood e Randolph, conde de Chester (HOLT, 1989<sup>a</sup>, p. 128)<sup>4</sup>.

Este poema satírico aborda a busca incessante do Narrador pela verdadeira vida cristã. Na primeira parte, Piers, o lavrador humilde, se oferece para guiá-lo até a Verdade e, no trecho citado, as rimas de Robin Hood são postas em oposição ao conhecimento literário proveniente dos círculos religiosos e da moral cristã.

Como aponta J.C Holt (1989b), o trabalho de Langland já era bastante popular antes de sua primeira publicação no século XIV e, dessa forma, as rimas de Robin Hood eram consequentemente tão ou mais antigas que a história de Piers Plowman. Dessa forma, buscando encontrar a origem do personagem, J.C Holt (1989b) analisou processos criminais durante a Idade Média, com o intuito de localizar a fonte mais antiga sobre um verdadeiro Robin Hood. Ele aponta para um processo de disseminação da alcunha "*Robin Hood*" e "*Little John*" pela Inglaterra, com

<sup>4</sup> I do not well know my Paternoster [Lord's Prayer] as / the priest sings it, / But I know rhymes of Robin Hood and Randolph Earl / of Chester (tradução nossa).

tais apelidos sendo encontrados em processos criminais por todo o século XIII. Ao analisar a origem dessas denominações é possível notar que os casos estiveram, em sua maioria, relacionados a homicídios e roubos. Os apelidos nem sempre eram escolhidos pelos réus, apresentando conotações ofensivas e, segundo J.C Holt (1960), o criminoso mais antigo localizado com esse nome é de um suposto “Robert Hod”, marcado como fugitivo do rei de York em 1225: “O caso reaparece um ano depois, quando o nome aparece de forma mais coloquial, Hobbbehod” (HOLT, 1989b p. 130)<sup>5</sup>.

A hipótese central de Holt (1989b) é de que a associação dos nomes a crimes violentos seria uma evidência da circulação da lenda já em 1225. Posteriormente, é possível encontrar a figura de “William, filho de Robert, o ferreiro”. Membro de uma gangue de ladrões e receptores de roubos, seu nome foi alterado em um processo futuro para “William Robehod”. Este sobrenome seria então a mais antiga referência a Robin Hood, mais de 100 anos antes das rimas de Langland. Este caso demonstra um processo de evolução e combinação entre lenda e realidade. Porém, o que não é possível afirmar é se as histórias que inspiraram Robert Hobbbehod e William Robehod são totalmente verdadeiras, pois não existiu apenas um Robin Hood, real ou fictício.

Mas muitos, cada um conhecedor da lenda por adotar seu nome, cada um contribuiu a ela e posteriormente torna-se difícil distinguir os contos deles próprios, cada um real, cometendo crimes reais, se envolvendo em aventuras reais, mas cada um moldado pela história que adotou ou impuseram sobre eles em seus nomes, e cada um sofreu da união entre seus atos e os contos, numa troca completa entre lenda e fato, fato e lenda que decora todo o tempo com um bordado totalmente fictício. (HOLT, 1989b, p. 134)<sup>6</sup>.

O sobrenome Hood também passou a ser bastante utilizado na região de Barnsdale, sendo possível encontrar referências a ele a partir de 1274, com a família “Hood” citada como arrendatários do senhorio de Wakesfield. Por mais que o nome Robert Hood fosse relativamente comum neste período, o termo “Robinhood” não era tão rotineiro e a partir de 1296 é possível encontrar referências a um indivíduo não criminoso, “Gilbert Robynhod”. Posteriormente, localizamos “Katherine Robynhod”, em 1325, e “Robert Robynhoud”, em 1332.

Portanto, da primeira fonte sobre Robin Hood, de 1262, à *The Gest of Robin Hood*, em 1450, existe um vácuo temporal que precisa ser preenchido, pois um vácuo de quase duzentos anos separa as primeiras menções ao personagem de suas primeiras publicações. Este período foi marcado pela diversidade, com autores enfatizando diferentes características nas atividades de Robin, introduzindo novos personagens e panoramas geográficos distintos.

<sup>5</sup> The account recurred in the following year, when the name appeared in the more colloquial form, Hobbbehod (tradução nossa).

<sup>6</sup> but many, each one acknowledging the legend by the adoption of the surname, each one perhaps contributing to it and thereby becoming difficult to distinguish from the legend itself, each one real, committing real crimes, engaged in real adventures, but each one molded by the legend he adopted or had imposed upon him with the name, and each one suffering that his own activities in turn might be embodied in the tale, the whole exchange from fact to legend and legend to fact decorated all the time with purely fictional embroidery (tradução nossa).

A princípio, todas as histórias medievais sobre Robin Hood se resumem a 5 poemas (ou baladas) e alguns trechos de uma peça teatral sobre o personagem. O mais antigo destes é descrito como *'talkyng of the munke and Robyn Hode'* e é popularmente conhecida como *Robin Hood and the Monk*<sup>7</sup>. Ela foi encontrada em uma coleção de manuscritos, escrita por volta de 1450, em meio a diversas orações contra ladrões e um tratado sobre os sete pecados capitais. Outra poesia, encontrada entre manuscritos religiosos, foi *Robin Hood and the Potter*<sup>8</sup>, escrito por volta de 1503. Durante o final do século XV e meados do século XVI, a lenda de Robin Hood chamou a atenção dos primeiros impressores, sendo publicadas cinco edições de um longo poema descrevendo as façanhas do personagem.

Uma dessas impressões (c. 1515), fornece apenas metade do texto, enquanto outra, completa, provém da prensa do impressor inglês Wynken de Worde, que atuou entre 1492 e 1534. Ambas apresentam um texto, intitulado *A Gest of Robyn Hode* ou *A Lyttell Geste of Robyn Hode*<sup>9</sup>. As outras três versões, mais tardias, fornecem correções ou adições menores e derivam, direta ou indiretamente, de uma única fonte escrita. A origem desta fonte é incerta, assim como a identidade de seu autor. No entanto, devido às poucas alterações entre as versões de "A Gest" é possível afirmar que o texto tenha sido reimpresso sem grandes alterações até o século XV a partir de histórias orais anteriores (HOLT, 1989a, p. 15).

O texto *A gest of Robyn Hode* é um poema longo, composto por 456 linhas divididas em oito partes. Algumas delas formam capítulos contínuos enquanto outras adicionam novos temas e cenas. O autor (ou autores) tentou conectar as partes por meio de alusões e referências, mas o poema é essencialmente episódico, com conexões artificiais entre os capítulos. A primeira, segunda e quarta parte (*fits* no original) compõem as seções mais coerentes do texto, centradas na relação entre Robin Hood e o cavaleiro Richard at the Lee, a dívida de seu filho e o poder da aristocracia local. As partes subsequentes variam em tom, mas cercam a vida em *Greenwood* e as relações entre o bando de Robin e a aristocracia cristã.

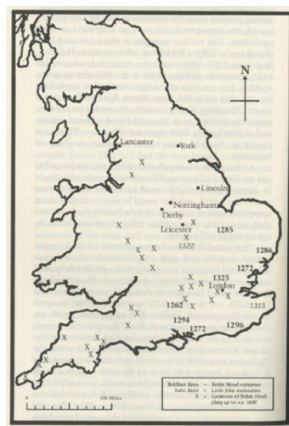


**Figura 1** – Distribuição de alcunhas (surnames) "Robin Hood" na Inglaterra (do sec. XIII ao XVII), por James Clarke Holt (1989a).

<sup>7</sup> Diálogo de um monge e Robin Hood, mais conhecido como Robin Hood e o Monge.

<sup>8</sup> Robin Hood e o oleiro.

<sup>9</sup> Uma gesta de Robyn Hode ou Uma pequena gesta de Robyn Hode.

A narrativa é marcada por contrastes, principalmente da forte religiosidade rústica de Robin em detrimento à relação aristocrática dos abades para com o cavaleiro Richard. É possível considerar que foi justamente essa pluralidade de temas e gêneros (histórias de comédia, ação, drama) que permitiu a popularidade e a sobrevivência de suas histórias, diferentes de outros heróis fora da lei do período, como *Gamelyn* ou *William Cloudesly*.

A *Gest of Robyn Hode* representa o momento mais significativo do ciclo inicial de histórias sobre o personagem, pois a compilação estruturou uma história conectada e dividida em 8 partes, cada uma possuindo um tema central e uma aventura que se conecta com personagens e objetivos semelhantes. Nesse sentido, A.J Pollard (2004) divide a história de forma temática, apontando temas e personagens recorrentes entre as partes:

Uma das histórias entrelaçadas é sobre 'Robin Hood e o Cavaleiro', às vezes conhecido como o 'cavaleiro arrependido' por causa de sua situação. Isso fornece o fio central. Uma segunda história é sobre 'Robin Hood e o Xerife', na qual o herói vai a Nottingham para participar de um concurso de arco e flecha, é traído e luta para sair. A terceira é "Little John e o Xerife", na qual Little John se disfarça como Reynolde Grenelefe e serve com o xerife, levando-o a uma armadilha na floresta. A quarta é 'Robin Hood e o Rei', que conta como o Rei persegue Robin, só o alcançando quando está disfarçado de monge, o Rei é emboscado, perdoa Robin e o leva para seu serviço. A última parte é 'A Morte de Robin Hood', que conta como Robin, tendo abandonado a corte e fugido para a floresta novamente, é finalmente morto pela traição da priora de Kirklees, em Yorkshire (POLLARD, 2004, p. 4–5)<sup>10</sup>.

A *Gest* é reconhecida como a base de todas as versões posteriores do personagem e é possível afirmar que antes da escrita a oralidade serviu como principal meio de difusão da obra. As baladas foram recitadas em salões, banquetes, tavernas, feiras e quaisquer lugares onde pessoas se reuniam para ocasiões especiais. Pelo caráter popular da escrita, sua disseminação se deu por meio de *ribaudiers*, menestrelis, bardos, bobos e *histriones*.

Esses artistas eram vistos como marginais da sociedade medieval, que levavam bons cristãos à vadiagem. Este elemento também se observa em *Piers Plowman*, no poema *Dives and Pauper* (do início do século XV) e em *The Ship of Fools* (século XVI), traduzido abaixo:

Pois escrituras valorosas não valem um figo, Mas fábulas são amadas por sua libertinagem, E muitos são tão cegados por sua tolice, Que não mais consideram a escritura tão verdadeira nem boa, Como as tolas piadas sobre Robin Hode. (POLLARD, 2004, p. 10)<sup>11</sup>.

No decorrer do século XIV, as poesias cantadas predominavam sobre os textos escritos,

<sup>10</sup> One of the stories woven together is about 'Robin Hood and the Knight', sometimes known as the 'sorry knight' because of his plight. This provides the central thread. A second is about 'Robin Hood and the Sheriff' in which the hero goes into Nottingham to participate in an archery contest, is betrayed and fights his way out. A third is 'Little John and the Sheriff', in which Little John disguises himself as Reynolde Grenelefe and enters the sheriff's service and leads him into a trap in the forest. A fourth is 'Robin Hood and the King', which tells how the king pursues Robin, only catching up with him when he is disguised as a monk and is waylaid, and then pardons him and takes him into his service. And the last is 'The Death of Robin Hood' which tells how Robin, having abandoned the court and fled to the forest again, is finally killed through the treachery of the prioress of Kirklees, in Yorkshire (tradução nossa).

<sup>11</sup> For goodlie scripture is not worth an hawe, / But tales are loved of ribaudry, / And many are so blinded with their folly, / That no scriptur think they so true nor gode, / As is a foolish jest of Robin Hode (tradução nossa).

mas, com o advento da prensa, as histórias estabeleceram um formato semipadronizado e circularam em círculos menos restritos. Neste processo, as rimas de Robin Hood foram reinterpretadas e dramatizadas, servindo como meio de levantar fundos para artistas e comunidades rurais, sendo comum encenações em quermesses e campeonatos de arquearia.

Com a disseminação das histórias, Robin Hood e seu bando se inseriram no imaginário coletivo do norte da Inglaterra, transformando-se em símbolo cultural de cidades como Nottinghamshire, Barnsdale e Yorkshire. É digno de nota a durabilidade das histórias, estando presente na cultura popular a mais de 700 anos. Suas representações variaram ao longo dos séculos, desde um herói com consciência social a um nobre caído em busca de redenção. Por este motivo, desde o século XV pesquisadores tentaram encontrar a origem do personagem com os mais diferentes objetivos. No entanto, nenhum cronista contemporâneo escreveu sobre Robin Hood como uma figura de sua época, sempre colocando-o em um período recuado, geralmente místico.

As tentativas mais antigas de identificá-lo foram feitas por Andrew de Wyntoun<sup>12</sup> que, em sua crônica de 1420, referencia Robin Hood e Little John como heróis do passado que viveram entre 1283-85. John Fordun, também no século XV, escreve *Scotichronicon* (1752)<sup>13</sup>, em que insere Robin e João Pequeno no contexto de formação do reino da Escócia durante a década de 1260, como aliados de Simon de Montford contra o exército de Henry III. John Major, em 1521, situa Robin em um contexto ainda mais recuado, no século XII, após Richard I ser capturado pelos austríacos em 1192, sendo este um dos elementos mais referenciados acerca do personagem<sup>14</sup>.

Ao longo dos séculos XVI a XVIII antiquários ingleses passaram a associar Robin Hood ao condado de Huttington ou a Loxley, delimitando documentos de diferentes eras para comprovar a veracidade do personagem e suas supostas relíquias. Alguns destes antiquários, como William Stukeley em 1746, definiram uma origem nobre para Robin Hood e a utilizaram para encontrar herdeiros do personagem, no contexto de construção de dinastias em ducados e condados ingleses.

Em 1795, Joseph Ritson publicou *Robin Hood*, romance histórico que reúne diversos elementos sobre o personagem. Baseado nas canções, nas peças de teatro e em estudos da época, sua escrita mistura fato e ficção, inspirando escritores do período e cimentando o imaginário dos autores seguintes. Essencialmente, Ritson reescreve o trabalho de John Major, repetindo a relação entre Robin e Richard I<sup>15</sup>, elemento consolidado nas histórias posteriores. No entanto, como aponta Holt:

A tradição que ele resumiu era inicialmente desorganizada. A abundância de detalhes sobrecarregou o aparato crítico disponível para sua filtragem. Diante de uma confusão de fatos e ficções declaradas, Ritson e seus predecessores, com

<sup>12</sup> ANDREW DE WYNTOUN. *The Original Chronicle of Andrew de Wyntoun*. Edimburgo: W. Blackwood and Sons, 1914. (Scottish Text Society publications, v. 6).

<sup>13</sup> Neste artigo foi feita a leitura da versão de 1752, editada por Roberto Flamínio: FORDUN, J. *Johannis de Fordun Scotichronicon, cum supplementis et continuatione Walteri Boweri, ... E codicibus Mss. editum*. Edimburgo: ROBERTO FLAMÍNIO, 1ª ed., v. 2. 1752.

<sup>14</sup> MAJOR, J. *A History of Greater Britain, as well England as Scotland*: Compiled From the Ancient Authorities. Londres: Forgotten Books, 2018.

<sup>15</sup> Também conhecido como Ricardo, Coração de Leão, nas traduções em português.

pouquíssimas exceções, demonstraram dificuldade em diferenciar os indícios mais antigos de acréscimos posteriores ou registros históricos, mesmo que enigmáticos, da invenção poética. Eles careciam de método (HOLT, 1989a, p. 45)<sup>16</sup>.

O método histórico necessário para investigação acerca de Robin Hood foi estabelecido no século XIX por Joseph Hunter (1852). Sub comissionário do arquivo nacional inglês (*Public Record Office*), Hunter editou e compilou uma série de documentos da História Medieval Inglesa, tanto cultural quanto política. Sua edição de *A Gest* rejeitou diversos elementos presentes na obra de Ritson e estabeleceu Yorkshire e Lancashire como espaço de atuação do bando. Ele também apresentou documentos de um suposto Robert Hood (em fonte de 1324) se debruçando novamente na reafirmação da existência do personagem, situando-o no século XIV, no contexto das disputas senhoriais da família Lancaster:

Eu me atrevo, no entanto, a chamar a atenção para o fato de que nos Registros da Corte do Senhorio de Wakefield, do reinado do Rei Edward II, aparece um ROBERTUS HOOD morando na cidade e tendo negócios naquela corte. Na audiência realizada na sexta-feira seguinte à festa de São Cuthberto, no 9º ano de Edward, filho de Edward – “*Amabil Brodehegh petit versus Robertum Hood viid., de una dimidia roda terre quam dictus Robertus eedem Amabil demisit ad terminum VI annorum, quam ei non potuit warrantizare*”. E em um conjunto de documentos dos Stayntons que eu vi, um deles datado de Wolley-Morehouse em 1344, há uma concessão de Henry, filho de Amabil de Wolflay-Morehouse, para Adam, filho de Thomas de Staynton. Encontramos Robertus Hood novamente em uma assembleia realizada no ano seguinte, quando ele é descrito como sendo de Wakefield, e o nome de sua esposa é mencionado. O nome dela era Matilda, e o testemunho da balada - não *A Little Geste*, mas outras baladas de antiguidade incerta - é que a esposa do fora da lei se chamava Matilda, nome que ela trocou por Marian quando se juntou a ele no bosque verde (HUNTER, 1852, p. 47) (Grifo nosso)<sup>17</sup>.

Hunter (1852) fez avanços significativos nos estudos sobre Robin Hood, apontando para uma região aproximada das lendas, um status social adequado ao personagem e uma época que aparentemente permitiria um intervalo razoável para o desenvolvimento da gesta e outras narrativas primitivas, em circulação até o século XV. No entanto, sua busca pelo verdadeiro Robin Hood não encontrou fortes evidências de que Robert Hood tenha de alguma forma se envolvido na derrota de Thomas de Lancaster em Boroughbridge. Seu trabalho buscou corroborar a *Gest* com evidências documentais, apontando ao mesmo tempo um Robert Hood e um Robyn Hood em dois contextos completamente diferentes. Para correlacioná-los, ele recorreu a evidências da própria *Gest* em um

<sup>16</sup> In fact the tradition he summed up was aboriginally ramshackle. The plethora of detail had overwhelmed the critical apparatus available for its sifting. Faced with a confusion of alleged fact and fiction, Ritson and his predecessors, with scarcely an exception, were at a loss to distinguish earlier evidence from later accretion, or historical record, however enigmatic, from poetic invention. They lacked method (tradução nossa).

<sup>17</sup> I venture, however, to call attention to the fact, that in the Court Rolls of the Manor of Wakefield, of the reign of King Edward the Second, there does appear a ROBERTUS HOOD living in the town and having business in that court. At the court held on Friday next after the feast of St. Cuthbert, in the 9th year of Edward son of Edward- “*Amabil Brodehegh petit versus Robertum Hood viid., de una dimidia roda terre quam dictus Robertus eedem Amabil demisit ad terminum VI annorum, quam ei non potuit warrantizare*” And in a parcel of deeds of the Stayntons which I have seen, one of them dated at Wolley-Morehouse in 1344, is a grant from Henry, son of Amabil of Wolflay-Morehouse, to Adam, son of Thomas de Staynton. We find Robertus Hood again at a court held in the following year, when he is described as being of Wakefield, and the name of his wife is mentioned. Her name was Matilda, and the ballad testimony is, - not the *Little Geste*, but other ballads of uncertain antiquity, - that the outlaw's wife was named Matilda, which name she exchanged for Marian, when she joined him in the green wood (tradução nossa).

procedimento circular, apresentando como único fato concreto a jornada do rei descrita em *A Gest*, o que supostamente coincidiria com a campanha de Edward II em 1323.

J.W Walker (1945) retomou os estudos de Hunter acerca do Robin Hood histórico, novamente estabelecendo Robert Hood of Wakefield como herói histórico e aliado de Thomas de Lancaster. No entanto, seus trabalhos falham em definir as regiões e as supostas posses dos distintos “Roberts” e adicionam elementos não presentes nas canções medievais, como o romance entre Robin e Maid Marian – personagem gradativamente apresentada em histórias sobre o bando a partir do século XV. Ao não abordar o processo de construção histórica da lenda de Robin Hood, Hunter e Walker buscaram em documentos do século XIV elementos que se encaixassem em suas especulações, fazendo correlações entre indivíduos distintos, mas com nomes semelhantes.

### **YEOMEN: CLASSES MÉDIAS OU NOBRES MEDIEVAIS**

Após entender as fontes analisadas nesse trabalho é necessário considerar: qual o público que tinha acesso às fontes analisadas neste estudo? De que forma se relacionavam com as canções? Que uso faziam de tal produção cultural? Isso nos ajuda a entender que, além dos elementos sociais formadores das canções, há uma comunidade rural que a partir da cultura preservou suas tradições, engrandecendo histórias úteis à sua vivência. Dentro da historiografia acerca de Robin Hood existem em três grandes correntes explicativas sobre o público-alvo das canções sobre foras da lei.

A primeira, mais tradicional, foi analisada nas páginas anteriores, onde observou-se como o personagem Robin Hood serviu ao processo de formação nacional da Grã-Bretanha, principalmente na Escócia e no Norte da Inglaterra. Nessas regiões, Robin é um símbolo cultural utilizado como produto comercial e elemento turístico. Em cidades como Nottingham o personagem é um verdadeiro mascote municipal, com referências na bandeira da cidade, em museus, lojas e no principal clube de futebol da cidade, o Nottingham Forest. Romancistas como Joseph Ritson e Walter Scott<sup>18</sup> definiram Robin Hood como um herói da resistência anglo-saxã à invasão normanda, simbolizando também a busca inglesa por uma raiz nacional, perdida após séculos de conflitos e invasões.

A partir do século XX, a busca por evidências reais de Robin Hood sofreu um processo de arrefecimento até a década de 1950, quando foi sobreposta por novas perspectivas, que focalizaram o contexto social onde as baladas foram produzidas, as relações políticas e as produções culturais do medievo tardio. Neste momento, duas perspectivas tiveram destaque. Uma de caráter marxista, que reafirmava as histórias de foras da lei como produções plebeias – em contraste aos épicos produzidos no mesmo período, essencialmente aristocráticos. Se inserem nesta abordagem autores como Rodney Hilton (1958), Maurice Keen (1961) e posteriormente Eric Hobsbawm (1969), que não

---

<sup>18</sup> SCOTT, W. *Ivanhoe*. Harvard: American Book Company, 1904.

centrou seus textos em Robin Hood, mas na formação de heróis bandidos em diferentes sociedades.

Em oposição a esta abordagem, foram produzidas pesquisas sobre Robin Hood que rejeitaram sua origem camponesa, apontando que, nas primeiras histórias medievais, os leitores ou ouvintes são citados como *yeomen*, como visto já na primeira estrofe da *Gest of Robyn Hode*:

Ouçam e prestem atenção, cavalheiros, Aqueles nascidos de sangue livre; Vou contar sobre um bom *yeoman*, Seu nome era Robin Hood (KNIGHT; OHLGREN, 2000, p. 1)<sup>19</sup>.

Esta abordagem crítica coloca Robin Hood como um produto da “*Yeomanry*”, uma instituição própria da aristocracia inglesa, assim como a cavalaria. As virtudes de Robin expressas nas baladas, como a cortesia e a honra, seriam, portanto, fruto da ideologia dominante e não das classes populares pois, na *Gest*, Robin é descrito como um homem livre e não um servo ou camponês. Autores como J.C Holt (1989) consideram que a ideia de Robin como o ladrão que rouba dos ricos para dar os pobres não encontra base material na *Gest of Robyn Hode*, pois os roubos cometidos na canção não têm como objetivo uma divisão social de bens ou a diminuição da desigualdade econômica no medievo.

A aproximação entre Robin Hood e o cavaleiro, Richard at the Lee, também seria mais uma evidência de que o fora-da-lei pertenceria a uma classe distinta dos camponeses medievais. A partir da Idade Média Central, cavaleiros não eram apenas guerreiros montados a cavalo, mas também membros de uma classe social elevada, fruto da aristocracia e possuidores de senhorios. Nesse sentido, Robin Hood não seria apenas um defensor dos pobres, mas uma figura com forte sentimento anticlerical, elemento que preenche toda a primeira metade da *Gest*.

O que parece central nas discussões feitas durante 1960 é a busca por definir a que classe social pertenciam os compositores das baladas e sua audiência. Em ambas as perspectivas Robin é definido como um *Yeoman*, diferenciando apenas a origem deste grupo e sua função na sociedade medieval. Segundo Hilton (1958), *Yeoman* seria uma categoria social, referente a agricultores que possuíam em seu círculo de trabalho algum empregado ou agregado que o acompanhava. Na hierarquia social, o *Yeoman* estaria situado acima dos pequenos camponeses e servos, estando abaixo dos *gentlemen* e *squires*. Costumavam trabalhar para cavaleiros, serem pequenos produtores rurais ou guardiões de florestas – *foresters*. Além disto, *Yeoman* também servia como um título honorífico, para homens honrados e livres.

Inserindo os eventos das baladas no contexto político da guerra dos barões (séc. XIII), Hilton (1958) defende que o estado de guerra civil na Inglaterra teria criado um “descontentamento agrário”<sup>20</sup>, com a tomada de propriedades, mudanças de governo e aumento de tributos. Robin

<sup>19</sup> Lythe and listin, gentilmen, / That be of frebore blode; / I shall you tel of a gode yeman, / His name was Robyn Hode (tradução nossa).

<sup>20</sup> Apart from any documentary or linguistic proof of medieval dating for these stories, the references to persons and situations imply a thirteenth or at the latest fourteenth-century origin. Such evidence as we have of peasant life in the

Hood seria, então, a representação dos homens livres, que ajudaram esta população marginalizada. Isso explicaria sua ajuda a Richard at the Lee e seus conflitos com bispos, abades e sheriffs, representantes do poder institucional da monarquia no século XIV.

Principal agente da coroa, o Sheriff exercia funções administrativas e de finanças, cobrando impostos e obrigações dos camponeses. Da mesma forma, os clérigos de St. Mary Abbey eram inimigos por representarem de forma exemplar o poder do senhorio medieval. Mais do que religiosos, os abades de St. Mary eram senhores de terra tenazes, que faziam valer seus interesses sobre as demandas sociais dos camponeses.

Hilton (1958) defende que as baladas de Robin não buscavam questionar a ordem social existente, mas apresentar de forma poética os horizontes daqueles que escreviam e apreciavam as baladas. A floresta mítica em que os *Merry Men* viviam era abundante e divertida, sem trabalhos degradantes e aproveitada entre amigos e iguais, sob a direção de um líder escolhido pela bravura e não imposto por riqueza ou poder.

Maurice Keen (1989), por sua vez, entende os *Yeoman* como membros das classes baixas medievais, sendo Robin Hood um paladino desta classe. Para ele, as histórias eram cantadas por menestréis distantes das cortes que apresentavam a insatisfação dos camponeses contra a corrupção oficial da realeza e dos senhorios. Ele demonstra que as histórias medievais de Robin possuíam um alto teor de violência, principalmente contra as forças oficiais. Esta brutalidade teria duas razões principais: o forte sentimento de ódio frente a indivíduos corruptos e tiranos e uma longa tradição do uso da força em comunidades rurais, observável em diferentes romances e crônicas medievais.

A questão central para Keen está em entender o que significava tirania e opressão nas baladas e assim entender quem era o público-alvo das canções. O autor aponta que a sociedade medieval esteve permeada pela estratificação social e suas revoltas eram pontualmente direcionadas para abusos de poder e grandes taxas:

Os homens da época, tanto humildes quanto nobres, aceitavam uma sociedade estratificada: o que eles ressentiam era o abuso de posição oficial ou social e essa é, precisamente, a atitude que as baladas ecoam, com seu catálogo detalhado dos crimes de homens como o xerife de Nottingham e o Abade de St. Mary's (KEEN, 1961, p. 8)<sup>21</sup>.

Robin surge então como um defensor destas reivindicações, associado das classes subalternas e com uma forte devoção cristã. Por fim, J.C Holt se consolidou como principal opositor das ideias apresentadas por Hilton e Keen. Para ele, as lendas de Robin Hood eram contadas, mais do que cantadas. Os menestréis se dirigiam à plateia de maneira honrosa, como *gentlemen* ou *yeomen* e os poemas mais longos eram divididos em *fits* para haver um intervalo de descanso tanto

---

century and a half before the rising of 1381 suggests that **agrarian discontent** was endemic throughout the country. In: HILTON, R. H. The Origins of Robin Hood. HILTON, R. H (org.). **Peasants, Knights and Heretics: Studies in Medieval English Social History**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. 1976.(Past and Present Publications, v. 3). p. 232 (Grifo Nosso).

<sup>21</sup> Men of the period, both humble and gentle, accepted a stratified society: what they resented was the abuse of official or social position, and this is precisely the attitude which the ballads echo, with their detailed catalogue of the crimes of men like the sheriff of Nottingham and the Abbot of St. Mary's (tradução nossa).

para a plateia como para o menestrel. Haveria dessa forma um interesse por parte dos menestrelis em cantar para audiências cada vez maiores, de forma a conseguir financiamentos e recursos.

Holt (1989a) defende que o público principal dos menestrelis não eram os camponeses ou as classes médias medievais, mas a coroa, a aristocracia e os senhores de terra. Robin Hood seria, portanto, um personagem criado para ser reconhecido por estes grupos. A pulverização das histórias até os dias atuais derivaria de um período posterior ao surgimento das lendas, quando as impressões no século XV difundiram as baladas entre diversas camadas da sociedade inglesa, desde cavaleiros à camponeses.

Segundo ele, no século XIV os menestrelis já eram um grupo profissional diverso, variando de membros permanentes da nobreza, que gozavam de um estatuto distinto, até artistas casuais que cantavam e compunham ocasionalmente. Alguns menestrelis eram músicos com instrumentos de corda ou de sopro, outros eram acrobatas, esgrimistas, porta-bandeiras ou mensageiros, vivendo ao redor dos nobres a quem serviam.

Dessa forma, no fim do século XX, consolidou-se a interpretação de que Robin Hood personificou as aspirações e esperanças das camadas populares não nobres da Inglaterra do século XV, representando especialmente os "povos da artesanaria" - artesãos e lavradores tanto das cidades quanto do campo. Dobson & Taylor (1997), por exemplo, reafirmaram o caráter de classe dos yeomen e das histórias de Robin Hood. Derivado de *yongman* ou *Young-man*, este grupo estaria associado a agricultores livres, em um estágio mais próximo de um artesão ou homem de comércio. Devido a capacidade de acúmulo de riquezas, os yeomen passaram a acumular terras, arrendá-las e contratar lavradores, identificando-se como uma classe própria, distanciada dos trabalhadores rurais. Por isto, alguns autores os associam a um suposto estágio protocapitalista de produção.

Peter Coss (1985), assume *Yeoman* como um termo utilizado tanto por homens que possuíam brasão de armas quanto agricultores que ascendiam socialmente. Em oposição, Colin Richmond (1999) acredita que as baladas tem poucos elementos da poesia cavaleiresca, inclusive com diversos elementos de paródia sobre este grupo. Os assuntos religiosos seriam tangenciais à trama e consequentemente superficiais. Ele acredita que Robin Hood construiu ao seu redor uma Ética das doações, em que suas ações de caridade são consequência dos valores apreciados na sociedade medieval. Robin Hood seria, portanto, o herói de uma sociedade em transição, protetor da classe média rural, os *yeomen*, que passou durante o século XIV por um período de intensas transformações.

Até 1400 os yeomen serviam aos nobres (gentlemen) e a partir dos séculos XVI se tornam uma classe com interesses próprios, o que explicaria o fato das histórias mudarem suas narrativas rurais e adicionarem elementos da vida cavalheiresca. Além disso, Richmond (1999) defende também a ideia de uma '*Yeomanliness*', uma classe medieval distinta, formada por agricultores e membros das classes sem-terra, fruto das instabilidades da Inglaterra no século XIV. Este grupo,

não feudal, não capitalista e desorganizado vê Robin como símbolo de uma realidade marginal possível em tempos conturbados.

Dessa forma, *yeomen* é um termo que englobaria um grande espectro social, desde agricultores despossuídos até uma elite rural emergente da segunda metade do século XIV. Na gest, Robin Hood e seu bando são identificados pelo narrador como "*Yeomen of the forest*", mas tratados pelos membros da aristocracia (juizes, xerifes, padres, bispos) como *outlaws*. Little John, também se identifica (na 2ª *fit*) como *forester*, a antítese do fora da lei.

Então falou um orgulhoso guardião [*forester*], Que estava ao lado do nosso rei: "Se vocês querem ver o bom Robin, Deverão seguir-me. (KNIGHT; OHLGREN, 2000, p. 27)<sup>22</sup>.

É comum em toda a *Gest* um esforço em distanciar o personagem da simples criminalidade, inserindo-o em uma busca por reafirmar valores comuns da vida medieval. A fé, a caridade e a bravura são constantemente apontadas como características do personagem, que refletia aspectos específicos da religiosidade cristã do período anterior à Reforma. Ele seguia de maneira convencional a devoção aos santos, especialmente à Virgem Maria, profundamente crente no poder da oração e envolvido ativamente em seu culto, como visto ainda na primeira *fit*, nas estrofes 32-40:

Um estilo fiel tinha Robin então; Na terra onde ele estava, todo dia antes de se alimentar três missas ele ouvia. Uma em louvor ao Pai, outra ao Espírito Santo, a terceira era de nossa querida Senhora, que ele amava ainda mais. Robin amava nossa querida Senhora; Por medo do pecado mortal, ele nunca prejudicaria uma companhia onde alguma mulher estivesse (WALTZ, 2012, p. 6)<sup>23</sup>.

Sua prática cristã o conectava à religiosidade comunitária, ao mesmo tempo em que rejeitava a participação e o envolvimento das elites locais na administração dos assuntos eclesiásticos. Ao ser um exilado, Robin Hood reúne em si elementos que o tornaram atrativo tanto para as audiências urbanas quanto rurais, sendo ao mesmo tempo nobre e popular. Para além de homem livre, Robin Hood era um *yeomen* e um tipo específico deste. Um habitante da floresta, que rejeitava os serviços de senhores ou de nobres distantes da fé plebeia.

### Considerações Finais

A ocupação do território inglês medieval desenvolveu-se de maneira singular. Marcada por um extenso processo de invasões que remonta ao período romano e que promoveu profundas transformações agrárias, a incorporação de novas técnicas e o crescimento comercial ao longo da Idade Média. Este movimento perdeu intensidade após a conquista normanda de 1066, que estabeleceu uma aristocracia estrangeira em constante negociação e conflito com as elites locais

<sup>22</sup> Than bespake a proude fostere, / That stode by our kynges kne: / "Yf ye wyll se good Robyn, / Ye must do after me.

<sup>23</sup> A faithful style had Robin then; / In the land where that he were, / Every day ere he would dine / Three masses would he hear. / The one in worship of the Father, / Another of the Holy Ghost, / The third was of our dear Lady, / That he loved yet the most. / Robin loved our dear Lady; / For fear of deadly sin, / Never would he harm a company / That any woman was in (tradução nossa).

para manter seu domínio na ilha. Nesse cenário, o controle monopolista da força militar gerou uma territorialização excludente, baseada na distribuição desigual de terras que reforçava o poder econômico de uma elite detentora de recursos. A concessão de benefícios e privilégios fortaleceu ainda mais o poder das elites senhoriais, que consolidaram sua posição dominante como grupo social e político privilegiado. Para legitimar essa estrutura de poder, tornou-se essencial a elaboração de discursos que instituía uma moralidade e um sistema jurídico específico, destinados a naturalizar e justificar as divisões sociais no espaço rural.

No entanto, o corolário de ritos, gestos e tradições que se construiu nestas sociedades rurais não pode ser entendida apenas no campo abstrato, pois se manifestaram na interação entre os diferentes grupos sociais. As elites rurais não buscaram apenas aumentar seu poder, mas também desenvolver um estilo de vida que materializasse a dominação e condicionasse a realidade, de modo a manter a integração social e um sentido do mundo social, contribuindo para a reprodução da ordem dominante.

Nesse sentido, o bandido herói se apresenta tanto como elemento de resistência quanto como ameaça à sociedade tradicional. Independentemente da abordagem adotada, é inegável a relevância histórica e cultural dessas figuras para as sociedades rurais, cuja estrutura remonta ao campesinato medieval e à história das revoltas rurais. Robin Hood, por exemplo, estabeleceu-se como um Arquétipo, que abarca uma multiplicidade de personagens e fenômenos de revolta em diversas sociedades ao redor do mundo.

No México, na Sérvia, no Marrocos, na Espanha, em Portugal e no Brasil—regiões historicamente marcadas pela centralização do poder agrário nas mãos de elites rurais—, emergiram figuras que transitaram entre as classes sociais e desafiaram estruturas de opressão e escassez. As classes dominantes, no entanto, reproduziram discursos sobre esses indivíduos que frequentemente negligenciavam análises objetivas sobre os processos sociais que os formaram. O objetivo central era estabelecer uma dicotomia entre ordem e desordem, civilização e barbárie, democracia e autoritarismo, fortalecendo a marginalização dos rebeldes e perpetuando a exploração. Aos bandidos, restava apenas a busca pela sobrevivência, a resistência e, em alguns momentos, pequenos acúmulos de riqueza que lhes garantiam prazer e conforto. Aos camponeses, que eram simultaneamente vítimas e algozes da opressão, cabia o papel de preservar a memória da vivência rural e suas complexidades.

Portanto, a Cultura, mosaico de ações e representações, pode nos ajudar a compreender os aspectos da vida subalterna ao domínio da elite política. Se no cotidiano os indivíduos constroem cultura a partir da combinação entre discursos dominantes e interesses particulares, é válido questionar como a representação dos marginalizados contribuiu para a preservação de valores tradicionais das populações camponesas, como a masculinidade, a honra e a cortesia. Pois, embora

o poder discipline os discursos, as sociedades não se reduzem à dominação. Os grupos populares, ao desafiar e interagir com esse poder, produzem uma cultura nova e própria.

## REFERÊNCIAS

- COSS, P. R. Aspects of cultural diffusion in medieval england: the early romances, local society and Robin Hood. **Past & Present**, Cambridgev. 108, n. 1, p. 35–79,
- DOBSON, R. B.; TAYLOR, J. **Rymes of Robyn Hood: An Introduction to the English Outlaw**. Califórnia: Sutton Pub., 1997.
- FORDUN, J. **Johannis de Fordun Scotichronicon, cum supplementis et continuatione Walteri Boweri, ... E codicibus Mss. editum. 1752: Vol 2**. 1. ed. Edimburgo: ROBERTO FLAMÍNIO, 1752. 1752. Disponível em: [http://archive.org/details/bim\\_eighteenth-century\\_johannis-de-fordun-scoti\\_fordun-john\\_1752\\_2](http://archive.org/details/bim_eighteenth-century_johannis-de-fordun-scoti_fordun-john_1752_2). Acesso em: 5 abr. 2025.
- GEREMEK, B. O Marginal. *Em*: LEGOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Tradução: Maria Jorge Vitar de Figueiredo. 1ªed. Lisboa: Presença, 1989. p. 258.
- HILTON, R. H. The Origins of Robin Hood. **Past & Present**, Cambridgen. 14, p. 30–44, 1958.
- HOBSBAWM, E. J. **Bandits**. London: Weidenfeld & Nicolson, 1969.
- HOLT, J. C. **Robin Hood**. Londres: Thames and Hudson, 1989a.
- HOLT, J. C. Robin Hood. *Em*: HILL, Warren Vander (org.). **Perspectives on Culture and Society**. 1ªed. Indiana: Ball State University, 1989b. (Provost's Lecture). v. 1, p. 127–144.
- HOLT, J. C. The Origins and Audience of the Ballads of Robin Hood. **Past & Present**, Cambridgen. 18, p. 89–110, 1960.
- HUNTER, J. **The great hero of the ancient minstrelsy of England, Robin Hood. His period, his real character, etc., investigated and perhaps ascertained**. London: J.R. Smith, 1852.
- KEEN, M. Robin Hood - Peasant or Gentleman?. **Past & Present**, Cambridgen. 19, p. 7–15, 1961.
- KEEN, M. H. **The outlaws of medieval legend**. 4ªed. New York: Dorset Press, 1989.
- KNIGHT, S.; OHLGREN, T. (org.). **Robin Hood and Other Outlaw Tales**. 2ªed. Michigan: Medieval Institute Publications, 2000.
- POLLARD, A. J. **Imagining Robin Hood: The Late Medieval Stories in Historical Context**. 1ªed. New York: Routledge, 2004.
- RICHMOND, C. An Outlaw and Some Peasants: the Possible Significance of Robin Hood. *Em*: KNIGHT, Stephen (org.). **Robin Hood: An Anthology of Scholarship and Criticism**. 1ªed. Woodbridge; Rochester: D.S. Brewer, 1999. p. 363–377.
- RITSON, J. **Robin Hood: a collection of all the ancient poems, songs and ballads, now extant, relative to that celebrated English outlaw**. London,: J. C. Nimmo, 1795. 1795. Disponível em: <http://archive.org/details/robinhoodcollect01ritsrich>. Acesso em: 24 fev. 2024.
- VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- WALKER, J. W. **The True History of Robin Hood**. Maryland: Rowman & Littlefield, 1945.
- WALTZ, R. B. **The Gest of Robyn Hode: A Critical and Textual Commentary**. New Jersey: Loomis House Press, 2012.